

17 DEZ 1987

JORNAL DO BRASIL

A hora dos "sensatos" *awp-1*

Luiz Orlando Carneiro

A Constituinte chega ao fim do ano, depois de mais de nove meses de um penoso e polêmico trabalho, dividida entre grupos de peso e impacto diversos, que nada mais têm a ver com o quadro partidário sobre o qual instalou-se a Assembléia Nacional. O PMDB tem os seus grupos histórico e moderado, além do Movimento de Unidade Progressista. O PFL há muito que deixou de ser fiel ao Planalto como um todo, e é crescente sua ala dita moderna. Os partidos declaradamente de esquerda estão coesos em torno dos temas sócio-econômicos, mas divergem quanto ao sistema de governo. Há o "Grupo dos 32", o "Grupo Entendimento" (ou "centrinho") e o aparentemente todo-poderoso "Centrão".



Final de contas — pergunta-se insistentemente — como e quando será possível chegar-se a um amplo acordo envolvendo as maiorias realmente significativas representadas na Constituinte, sem que as minorias sejam totalmente marginalizadas, já que podem contribuir, aqui e ali, para a feitura de uma Constituição pelo menos razoável?

Há quem prefira reduzir a apenas dois os grupos que se preparam para, a partir de janeiro, disputar no plenário o *round* semifinal da Constituinte: os "sensatos" e os "insensatos". No primeiro grupo estão os "32" e os quase 100 integrantes do "Entendimento", além de uma boa parcela (provavelmente a maioria) do "Centrão". No segundo grupo, estão os radicais à esquerda, que prometem obstruir os trabalhos até que, derrotados pelo voto, retirem-se bombasticamente da Assembléia, negando-se a assinar o texto constitucional, e os radicais e fisiológicos à direita, embutidos no "Centrão", que fazem tudo para atrasar ainda mais o parto constitucional, a fim de tentar inviabilizar a eleição presidencial em 1988, e até mesmo "melar o jogo".

Os constituintes deixam Brasília para as festas (magras) de fim de ano, costurando à última hora um acordo em torno do Regimento. Mas tudo indica que o acordo fundamental para que a Assembléia não empa-

que e promulgue a Carta lá pelo fim de abril será certo em cima do "Hércules IV", revisão do anteprojeto Bernardo Cabral, que o "Grupo dos 32" — à frente, os senadores José Richa, Virgílio Távora e a deputada Sandra Cavalcanti — acabou de preparar, em negociações discretas mas eficientes com pelo menos 65 parlamentares do "Entendimento" e muitos outros do "Centrão".

Lembra o Senador Virgílio Távora que o "Grupo dos 32" foi o responsável pela primeira plástica no projeto oriundo das comissões temáticas, vulgo "Frankenstein". O "Hércules I" gerou o primeiro substitutivo Bernardo Cabral e, logo depois, apareceu o "Hércules II", versão melhorada e mais consensual do "Cabral I", e que serviu de base para o "Cabral II". O "Grupo dos 32" já está no "Hércules IV" e, com o apoio do relator Bernardo Cabral, as bênçãos do presidente Ulysses Guimarães, e a adesão do "Grupo Entendimento" e dos "sensatos" do "Centrão", pretende convergir para seu anteprojeto as atenções dos constituintes e da opinião pública. O "Hércules IV" não só procurou revisar os conhecidos temas polêmicos sócio-econômicos, sem concessões e capitulações à esquerda e à direita, como também enfrentou questões que tiveram tratamento leviano nas votações da Comissão de Sistematização, como a educação, a saúde e a previdência social.

O "Grupo dos 32" espera a adesão, em vários pontos já negociada, do "Entendimento" — que reúne desde constituintes do PMDB "histórico", como Fernando Henrique Cardoso e Pimenta da Veiga, a integrantes do PFL "moderno", como Alcení Guerra e Jaime Santana — e da maior parte do "Centrão" para aprovar as 240 emendas e artigos (o equivalente a 30 capítulos) que formam o corpo do "Hércules IV".

O deputado Victor Faccioni, que é do PDS, mas está no "Entendimento", acha que seu grupo não precisa "nem deve crescer demais para influir no plenário da Constituinte, da mesma forma que o "Grupo dos 32", com um terço do número de membros da Sistematização, tem sido tão ativo como a "Grande Comissão". Para ele, se a vocação majoritária na Constituinte cabe mesmo ao "Centrão", a função do seu grupo é negociar e mediar. "Se crescer em demasia — acrescenta — o grupo sofrerá desgaste igual ao hoje existente no "Centrão" e nos próprios partidos: a divisão em facções, cujos interesses contrariados acabam se transformando em dissidência."